

MEIO AMBIENTE / Em uma das secas mais prolongadas, os focos se espalham pela vegetação da capital do país. Ontem, 1,2 mil hectares da Flona foram atingidos, segundo o ICMBio. A umidade relativa do ar chegou a 7%, menor índice de todos os tempos

2,4 mil brigadistas ajudam bombeiros em incêndios

» ARTHUR DE SOUZA
» MARIANA SARAIVA

A capital do país está atravessando um longo período de estiagem, cenário propício para que ocorram preocupantes incêndios florestais — foram 6.882 ocorrências em 2024, até o início de setembro, de acordo com dados do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF). O trabalho de combate às chamas é feito por militares da corporação, junto a brigadistas do Instituto Brasília Ambiental (Ibram), do Instituto Chico Mendes (Icmbio) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). São pouco mais de 2,4 mil brigadistas que somam esforços aos militares do CBMDF para apagar incêndios em vegetação.

O **Correio** conversou com brigadistas de dois institutos, que contaram como é a rotina cansativa de combate a focos de incêndio em vegetação. Trabalhando há 14 anos no Ibama, Nivaldo Oliveira Lima, 37, classificou como intenso o cotidiano de enfrentar as chamas. “Desde 1º de junho, temos trabalhado com muito esforço e dedicação”, detalhou. O profissional ainda fez o alerta: “Precisamos do apoio da sociedade. Uma parte dos incêndios é causada pela ação humana, principalmente nesta época de seca.”

Nas ocorrências de incêndios florestais, Nivaldo descreveu que tudo começa com a organização da equipe. “Trabalhamos com um planejamento, analisando o mapa, as condições climáticas e para qual lado o vento está soprando”, explicou. “A sensação de estar em uma mata fechada diante do fogo é terrível, por isso, todos os anos fazemos cursos de aperfeiçoamento. É uma profissão que exige constante atualização, mas, a cada incêndio combatido, a sensação de dever cumprido e de ter salvado vidas compensa o esforço”, detalhou.

Brigadista do Ibram, Gilberto Crosóstemo, 44, afirmou que o período atual é crítico no que diz respeito aos incêndios. “Tem sido um ano de muita luta. Estamos saindo de um incêndio e entrando em outro”, lamentou, enfatizando que enfrentar o fogo de perto é perigoso e envolve riscos químicos, físicos e biológicos. “Isso causa desgastes físicos e situações de vulnerabilidade para a equipe, mas não impede que trabalhem. Os brigadistas permanecem motivados”, garantiu.

De acordo com Gilberto, a missão é árdua, mas gratificante. “Independentemente da intensidade do fogo, sabemos que nossa chegada ajuda a amenizar os danos do incêndio, preservar a natureza e reduzir a poluição”, ressaltou o brigadista.

Fotos: Minervino Júnior/CB



Ação de bombeiros: em grandes incêndios, como o que atingiu a Flona, alta temperatura, tempo seco e vento forte dificultam o combate



De acordo com o ICMBio, 1,2 mil hectares da Floresta Nacional foram atingidos pelo fogo que se alastrou pela vegetação

Queimadas em 2024

6.882 ocorrências até 2 de setembro
2.065 somente em agosto
Fonte: CBMDF

Equipe de brigada

Ibama*	Ibram	ICMBio
2.227	150	54

*Os brigadistas atuam em todo o país, não só no DF

Combate às chamas

Somados os recursos humanos, o Distrito Federal conta, atualmente, com pouco mais de 5 mil pessoas que arriscam a vida para apagar incêndios em vegetação. O mais recente deles atinge, desde a manhã de ontem, a Floresta Nacional (Flona), na altura do Incra 7. Militares do CBMDF estão agindo no local, junto com brigadistas do ICMBio. Segundo informações do instituto, enviadas ao **Correio** no início da noite, cerca de 1,2 mil hectares já foram atingidos.

A suspeita é de que o incêndio tenha sido criminoso. Três pessoas foram vistas no local em que as chamas tiveram início. O CBMDF ressaltou que os profissionais estão em combate para apagar os focos de incêndio, mas a alta temperatura, o tempo seco, o vento e as altas chamas estão dificultando bastante a atuação. Até o fechamento desta edição, não foi confirmado se o incêndio foi debelado.

Doutor em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília (UnB), o ambientalista Christian Della Giustina destacou que os incêndios que ocorrem durante o período de seca prejudicam muito a vegetação, principalmente as plantas pequenas, que acabam morrendo. “Com isso, não conseguimos ter uma renovação da vegetação natural e o cerrado acaba sofrendo”, alertou. O especialista ressaltou que as queimadas também prejudicam a fauna nativa do Cerrado. “Esses animais acabam morrendo, pois não conseguem fugir das chamas.”

A qualidade do ar no DF também é afetada. “Com isso, toda a população sofre por causa do aumento de partículas de fuligem na atmosfera”, observou Della Giustina. Por isso, segundo o ambientalista, é preciso focar na educação ambiental. “Temos que alertar sobre os perigos de se colocar fogo na vegetação, em entulhos ou em áreas urbanas. A curto prazo, o melhor cenário é aguardar a chuva, que vai lavar a atmosfera e acabar com os incêndios que estão acontecendo”, comentou.



Tendência é que o tempo seco se mantenha até meados de setembro

Recorde histórico de baixa umidade

O Distrito Federal registrou, na tarde de ontem, o recorde histórico de menor umidade relativa do ar. De acordo com dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a estação meteorológica da Ponte Alta, no Gama, mediu o índice de 7%, com temperatura máxima de 33°C. São 133 dias sem chuvas.

Antes disso, a menor umidade da história do DF também foi registrada no Gama: 8%, em setembro de 2019. O meteorologista Olívio Bahia ressaltou que o tempo deve continuar quente e seco, pelo menos até meados de setembro. “Tudo indica que, até o dia 20, não se-

jam criadas condições para chuva no DF”, destacou.

“Estamos com o ar muito poluído, solo e vegetação seca, além da fumaça de queimadas e de veículos. Tudo colaborando para comprometer a saúde e, claro, manter elevadíssimo o risco de queimadas”, alertou o meteorologista. Segundo a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia, para hoje, a temperatura mínima ficará na casa dos 15°C e a máxima deve chegar a 32°C. Além disso, a umidade relativa do ar pode variar entre 55% e 15% — nas horas mais quentes do dia.

Alerta de perigo

A capital do país chegou a ficar em alerta vermelho — que representa grande perigo — para a baixa umidade. Esse é o alerta mais alto entre os disponibilizados pelo Inmet e destaca que há grandes riscos de incêndios florestais e à saúde. Até o fechamento, o DF estava sob alerta amarelo, que significa perigo potencial. Neste caso, a umidade pode atingir 20%.

Por isso, o instituto dá algumas dicas para se proteger durante esse período de seca extrema: be-

ber bastante líquido; atividades físicas não são recomendadas; evitar exposição ao sol nas horas mais quentes do dia; e usar hidratante para pele e umidificar o ambiente.

De acordo com a meteorologista Andrea Ramos, o DF está sob alerta amarelo de onda de calor. “Esse aviso corresponde a dois ou três dias com temperaturas 5°C acima da média climatológica do DF”, explicou. “É bem provável que o alerta seja estendido para amanhã e, até mesmo, alterado para o laranja, que corresponde a até cinco dias de temperaturas elevadas”, alertou. (AS/MS)